

ACASO E GESTUALIDADE: O ESCORRER NAS OBRAS DE TATIANA BLASS

Ângela Monsam Rodeghiero, Pós-Graduanda em Artes – Ensino e Percursos Poéticos pela Universidade Federal de Pelotas.

Tatiana Martins Aldrighi, Pós-Graduanda em Artes – Ensino e Percursos Poéticos pela Universidade Federal de Pelotas.

Professora Orientadora: Ursula Rosa da Silva, Professora do Centro de Artes/UFPel.

Resumo

Este artigo busca analisar as obras da artista plástica brasileira Tatiana Blass, focado no escorrer tanto na pintura quanto na escultura como forma de construção da imagem. Nos trabalhos de Ângela Monsam o escorrer da tinta faz com que a imagem ali pintada se desfigure tornando a figura irreconhecível. Com Tatiana Aldrighi essa característica se mostra pela construção das manchas com o escorrer da tinta, condutor do desenvolvimento de sua pintura.

Palavras-Chave: Arte Contemporânea, Escorrer, Tatiana Blass.

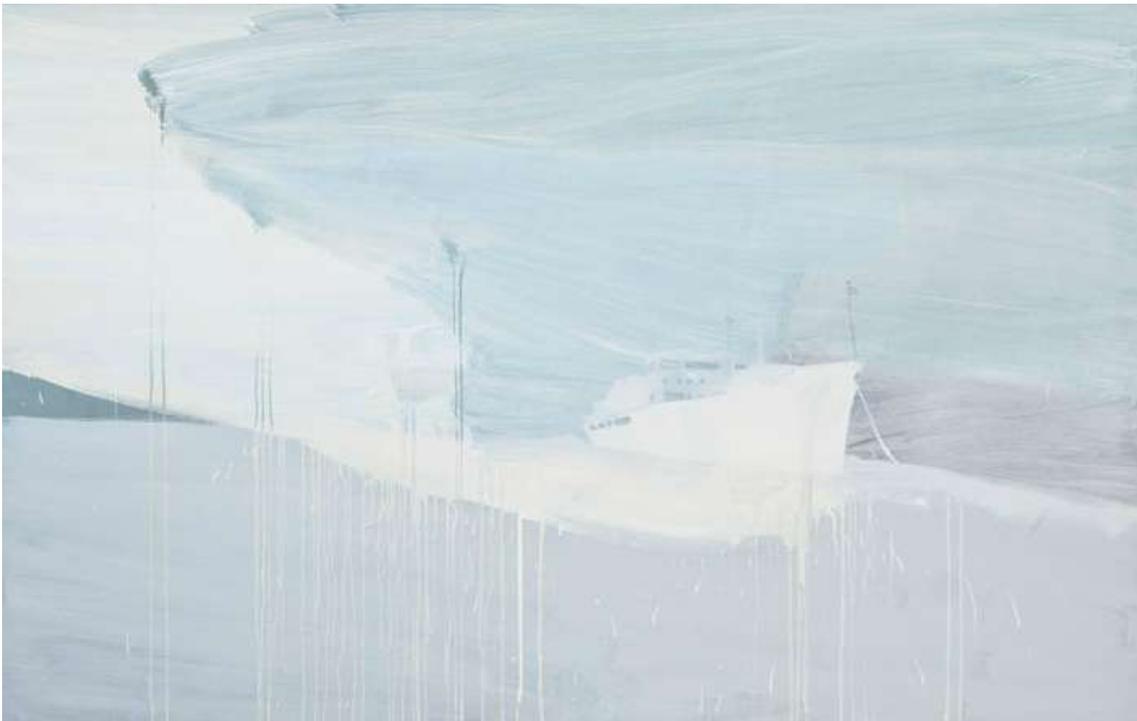
Através do escorrer a ideia de cansaço é evidenciada nas obras da artista Tatiana Blass, ou seja, um escorrer ralo, vazio, fazendo com que tenhamos a impressão de como se as cores penetrassem gradativamente umas nas outras, dando assim, formas veladas que dificultam a visão do espectador, criando uma atmosfera sombria e obscura.

Dentre tantas séries detivemo-nos naquelas onde o escorrido aparece como forma de construção ou veladura das imagens.

A série “Acidente” exhibe cenas fortes e objetos do cotidiano criando *acidentes*, como intitula a artista, velados pela sua cor opaca e tons rebaixados. Segundo Tiago Mesquita “... existe a ideia de retirar uma forma ou figura de um lugar e colar em outro e fazer com que estas formas ganhem sentido diferente.”, sendo assim, estas imagens retiradas do cotidiano retratadas através da pintura, aparecem em um tempo de espera.

Esta espécie de neblina presente em suas obras não nos deixa distinguir a que distância se encontra estas imagens, os planos se confundem através da desfiguração, das ações pela fusão das pinceladas e pelo escorrer da tinta acrílica bem diluída sobre esta superfície plana, construída camada por camada, apesar de ralas, que dão esse ar de velamento e transparência a pintura.

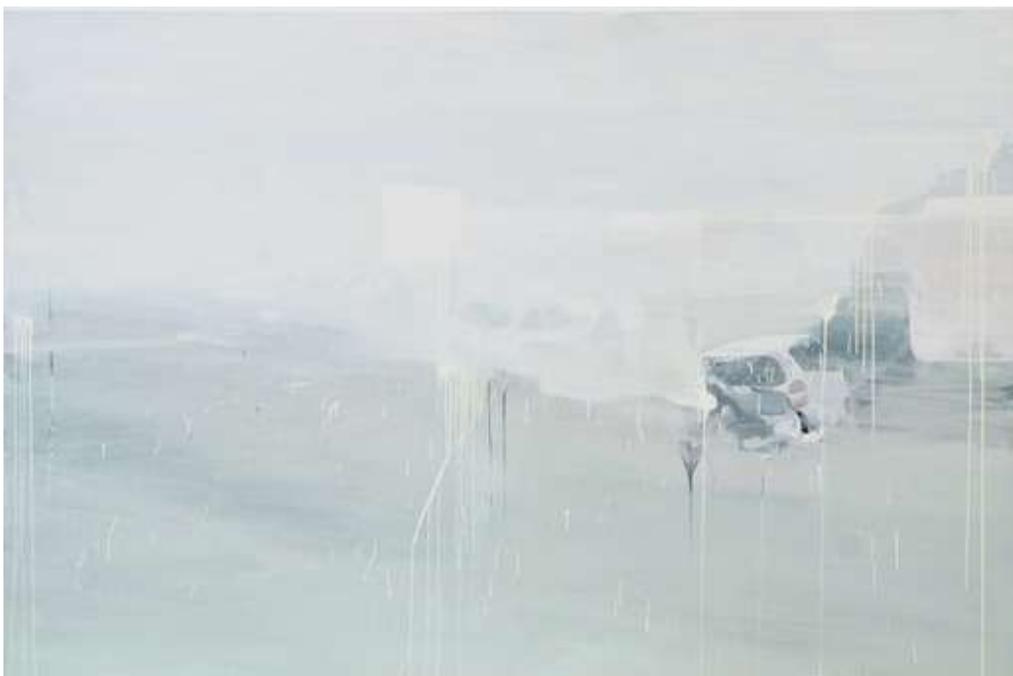
"O acidente é uma cicatriz no curso do previsto, o inusitado que puxa aquele nele envolvidos para uma percepção outra do tempo, uma percepção de exceção."¹



Tatiana Blass. "*Acidente#13*". Óleo sobre tela. 160x250cm. 2011.

<http://www.tatianablass.com.br/>

¹ Citação retirada do texto publicado na divulgação da exposição *Acidente*, realizada na Galeria Millan, 2012.



Tatiana Blass. “Acidente#16”. Óleo sobre tela. 200x300cm. 2011.

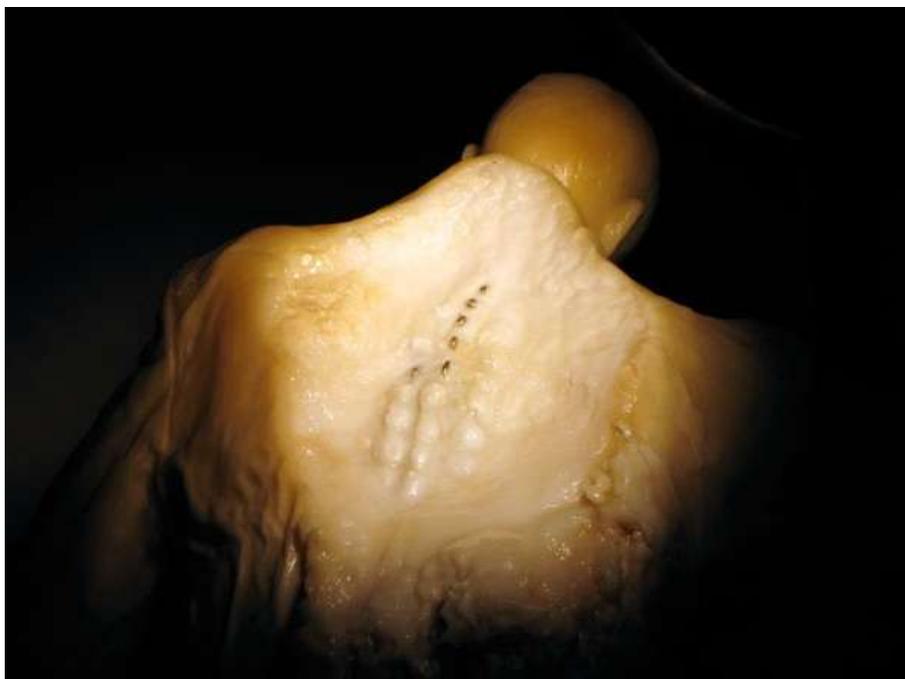
<http://www.tatianablass.com.br/>

Na obra intitulada “*Luz que cega – Sentado*” de 2011, a artista que explora também o campo da escultura, utiliza cera para dar forma a este corpo que está sentado em uma cadeira exposto a luz de holofotes que permanecem ligados durante todo o período da exposição.

Com o calor aos poucos este corpo vai derretendo revelando a coluna vertebral feita de bronze fundido, que antes estava imersa nas camadas da cera.



Tatiana Blass. “*Luz que cega - Sentado*”. Cera microcristalina, bronze fundido, cadeira e refletor. 150x150x150 cm, 2011.



Detalhe da obra “Luz que cega - Sentado”.

Sobre os trabalhos em que a artista utiliza cera, Paulo Venâncio Filho descreve em seu texto “*Fim (?) de partida*”, 2011 que “Tatiana provoca uma espécie de inversão escultórica: a regressão da escultura à matéria, a remissão ao estado informe [...] da cera a cera, do pó ao pó.”

Podemos ver que o escorrer nesta obra também se faz presente, uma vez que, com o passar do tempo o calor derrete a cera e esta escorre voltando ao seu estado de matéria pura. Segundo o curador José Augusto Roberto:

Cão e homem, por exemplo: surgem pelos cantos, de corpo inteiro a princípio, de corpo inerte praticamente não fosse seu único sinal de “vida” também um índice de morte, gota a gota, sob, sobre ou atravessados por um calor que não emana a quantidade de energia que consome. Enquanto isso, o entorno despenca junto com os personagens, derrete-se e escorre diante de olhos crentes em

passatempo, numa agonia [...] O dourado que reluz não é ouro, é latão. (ROBERTO, 2011).

Sendo assim, a escolha da série “*Acidente*” e da escultura “*Luz que cega – Sentado*” o escorrer se apresenta como forma de construção/desconstrução da imagem, assim como em nossas obras, embora sejam distintas, cada uma utiliza o escorrer de maneira diferente.

Nas obras de Ângela Monsam em que o escorrer ocasionado pelo excesso de tinta sobre a tela, quando posta na posição vertical, desfigura a imagem pintada e seu formato original da fotografia se desfaz.

A própria tinta escorre na superfície e forma os *escorridos*, que são manchas compridas de tinta e que fazem com que a figura se desfça ao longo do tempo do escorrer.

A linha de contorno se desfaz e “[...] desenha um volume oco” (DELEUZE, 1981), esvaziando e achatando o volume da figura, cuja aparência se torna mais desumana e disforme do que a figura no modelo fotográfico. A ação da tinta é influenciada pela sua viscosidade. A ação da gravidade sobre a tinta viscosa faz com que o escorrido se torne um processo lento de onde emergem muitos detalhes minuciosos e misturas de matizes.



Ângela Monsam. *Desfiguração*. Tinta vinílica e acrílica s/ tela. 25x65 cm, 2011.

O peso da tinta, sua resistência interna, e a força da gravidade acabam desacelerando o processo do escorrer e esses aspectos da ação da tinta fazem com que a figura fique desmanchada.

No final, ganha outra forma que representa a figura de modo *disforme* em comparação com o modelo fotográfico. Agora desmanchada, derretida: a figura humana que estava representada no retrato, depois, na pintura, é des-configurada.



Ângela Monsam. *Sem Título III*. Tinta vinílica e acrílica s/ tela. 40x60 cm, 2010.

Já nas obras de Tatiana Aldrighi o escorrer da tinta diluída sobre o papel ocasiona por fim nas manchas, que se depositam sobre este suporte e são características fortes e marcantes em suas obras. O momento da construção da pintura é onde a água escorre e se deposita nos sulcos do papel, como poças, alojadas em lugares aleatórios.

São os escorridos que estabelecem as manchas dando estrutura para essa pintura. Estas manchas surgem por gestos intuitivos, sem projeto prévio onde a tinta entre os sulcos desenha caminhos por mim não gestualizados, em estado aquoso provoca o encharcamento em partes do papel.

Assim é que a espera, entre o pintar e a secagem do trabalho, mostrará algo inesperado por mim. O artista Pierre Soulages afirmou: “O que eu faço me esclarece o que eu procuro” (REY, 1997, p.84).

Estas manchas indefinidas provocam a ideia de céu, com suas formas abertas em constante mutação. A fronteira entre a cor e o espaço se reorganiza pela mancha.

Na obra *Vertendo a cor*, o índice aparece na própria garrafa de tinta escorrendo por fora nos mostrando metaforicamente que a garrafa serviu de objeto para derramar a tinta sobre o papel.



Tatiana Aldrighi. *Vertendo a cor*. Papel manteiga, tinta acrílica, vidro, madeira, prego, 150 x 250 cm, 2011.



Detalhe da obra "Vertendo a cor".



Tatiana Aldrighi. *Caixa de vidro: mostruário de manchas*, 2011. Tinta acrílica e vidro, 30 x 20 x 15 cm.

Em *Caixa de vidro* as manchas dentro da caixa se apresentam como indícios de meu gesto, que derivou do derramamento das cores, das tintas que

estavam dentro dos potes, e as cores nas garrafas são mostruários que uso para meu trabalho. Desta forma, o escorrer é parte do processo gerativo das manchas e das formas dentro do objeto – garrafa e caixa.

Trabalhando com a pintura, buscamos nos artistas referentes um embasamento para desenvolver nosso pensamento que gira em torno de nossa poética. Em vista disso, a contribuição das obras de Tatiana Blass se dá a partir da análise de suas obras, particularmente onde o escorrer aparece, pois este é o cerne da questão e parte fundamental do nosso trabalho na pintura.

Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **A terra e os devaneios da vontade: ensaios sobre a imaginação das forças**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FIGUEIREDO, Luciano (org.). **Hélio Oiticica: a pintura depois do quadro**. Rio de Janeiro: Silvia Roesler Ed., 2008.

GIANNOTTI, Marco. **Breve história da pintura contemporânea**. São Paulo: Claridade, 2009.

Sites

Disponível em: <<http://www.millan.d2b.com.br/>>. Acesso em: 05 de jun. 2012.

Disponível em: <<http://www.tatianablass.com.br/>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

FILHO, Paulo Venâncio. “Fim (?) de partida”, 2011, disponível em: <<http://www.tatianablass.com.br/>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

ROBERTO, José Augusto. “Advertência ao público”, 2011, disponível em: <<http://www.tatianablass.com.br/>>. Acesso em: 08 jun. 2012.

Periódicos

REY, Sandra. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre pesquisa em artes visuais. In: **Revista Porto Arte**, Porto Alegre: UFRGS, Nº 13, 1996.